

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE NOVEMBRO DE 1904

N.º 140

## INGLATERRA

Londres não é uma banalidade. E a prova de que não é uma banalidade é que não é indiferente a ninguém. Tem os seus amigos e os seus inimigos. Mas os seus amigos são calorosos e fieis, e os seus inimigos são ferozes e irreconciliáveis. Toda a gente gosta de Paris. Toda a gente gosta de Roma. De Madrid, de Bruxellas, de Berlim, gosta-se ou não se gosta, conforme as circunstancias e sobretudo conforme a companhia. Já cheguei á dolorosa conclusão de que em questão de paizagens a companhia é tudo. Mas em Londres não é assim. Quem gosta de Londres, gosta de Londres seja como fôr, de verão ou de inverno, acompanhado ou só,

vinho do Porto é quasi solido, e a atmospheria por vezes é o completamente: é preciso mastigar o ar antes de o aspirar.

Para nós os que smamos Londres, até o inverno tem o seu encanto especial. São lindos os grandes parques desertos da cidade quando os cobre a neve, e no ar onde um nevoeiro branco tamisa a luz pallida ha uma paz absoluta, silenciosa, aquella paz que o ar só tem quando acaba de nevar. E atravez d'essa nevoa que é como um veu de gaze branca as formas indecisas das arvores teem linhas indefinidas, as proporções alteram-se, a paizagem torna-se em paizagem de sonho, irreal e incerta. Até as idealisações são



S. M. El-Rei D. Carlos I



S. M. a Rainha D. Amelia

quer a sua companhia seja uma companhia de duquezas quer seja uma companhia de cavallinhos. Mas quem detesta Londres, detesta irremissivelmente, detesta com odio, detesta tudo, desde as suas tradições até aos seus confortos modernos, desde a sua arte até á sua industria, desde as suas glorias até á sua cosinha: engloba no seu odio o Lord Mayor e o gerente do Carlton, Sir Joshua Reynolds e Sir Blundell Maple, o grande Duque de Wellington e o succulento Baron of Beef das reaes ucharias de Windsor.

Ora para mim Londres é a cidade fascinadora. Alli tudo é real, talvez porque o inglez é desprovido de imaginação. Não falo dos grandes artistas, mas do inglez vulgar. N'outros paizes imaginativos ha quem se imagine sabio, ou trabalhador, ou estroina, ou elegante. Basta para isso ler uma encyclopedia ou passar o dia a barafustar em vão com muita conversa e pouca obra, ou ceiar um bife com batatas e meia garrafa de Collares ás duas da madrugada, ou trazer um collarinho muito alto e um bigode muito frizado. Em Londres, o trabalho, a elegancia, o luxo, tudo é solido. Até o

reaes, ao contrario do que succede nos paizes da phantasia onde as coisas parecem reaes e não o são.

Mas a nevoa torna-se espessa. E' um nevoeiro escuro, amarelento. A cidade é mysteriosa. Parece deserta. De repente a dois metros de nós sae do nada um vulto, um amigo. Os lampiões das ruas, em casa os bicos de gaz ou as lampadas electricas, estão permanentemente accensas. Raras vezes, duas ou tres vezes no anno, em Novembro quasi sempre, o nevoeiro ainda escurece mais. Torna-se completamente negro. Não pode fazer idéa quem o não viu. Não se vêem os candeeiros accesos. Pára todo o trafico. Quem o nevoeiro surprehendeu na rua não pode voltar para casa, a não ser que a Providencia o faça topar com um dos pobres diabos que n'esses dias vão para a rua com archotes para ganharem alguns shillings illuminando o caminho aos viandantes extraviados. E' um espectáculo unico. O nevoeiro penetra dentro das casas e chega a ser tão denso que n'uma sala grande não se vêem uns aos outros d'um extremo ao outro da sala.

Ha quem não goste d'estes nevoeiros. Tambem ha quem não goste da musica do Wagner. Mas quando chega a primavera e durante toda a estação, Londres tem o clima ideal. E' um clima com boas maneiras. Não é o clima portuguez e hespanhol e italiano e grego, que parece gritar e gesticular, com uma luz que vai com as mãos á cara da gente: ao sol um calor que faz suar e á sombra um friosinho que constipa. Decididamente, no meu querido paiz tudo é excellente, menos duas coisas: o clima e o vinho. Exceptuarei com louvor o clima de Cintra e o vinho do Porto. Digam o que quiserem, não ha vinho tinto em Portugal que valha os vinhos do mesmo preço de Bordeus e de Borgonha, nem vinhos brancos que se comparem aos do Rheno e da Moselle. Allega-se que os estrangeiros não são filhos legítimos da uva. Ora isso é com a uva e os seus parentes. Eu é que me não ralo. D'antes ainda se podia dizer: saiba-me elle bem e não me faça mal! Mas desde que os sabios affirmam que todo o vinho faz mal, já nem essa restricção tem logar.

Com o clima succede o mesmo que com o vinho. E' um clima em que as mulheres não podem usar pelles na rua nem andar de cotadas por casa. Ora nada fica tão bem a mulheres como pelles: fôra de casa, a de martha; dentro de casa, a propria.

Em Londres, durante a *season*, a temperatura é suave e igual. Não ha quasi differença de calor entre o sol e a sombra. Tambem, para dizer a verdade, não ha quasi differença de luz. A luz é tenue, bem creada, não magôa os olhos nem offende as epidermes. Chove de vez em quando. Mas é uma chuva meidinha, uma chuva tambem com boas maneiras. E' apenas o bastante para as saias se arregaçarem, e para conservar nos prados e nas arvores aquelles verdes incomparaveis da vegetação ingleza.

Não é este Londres amavel e elegante que Sua Magestades vão agora atravessar. E' o outro, o Londres mysterioso do inverno com as suas sombras phantasticas; mas não se demoram lá. Apenas o tempo de visitar a City e lunchar no Guildhall com o Lord Mayor, esse Rei ephemero cujo reinado dura um anno só.

Londres não é só uma cidade. Compõe-se d'uma cidade, a *city*, e d'um condado. O condado é a cidade moderna constituída por antigos burgos, como o de Westminster por exemplo, que hoje são bairros. Está dividido em parochias e é administrado, como os outros condados, por um *County Council*. A *city*, que é propriamente a cidade de Londres ainda hoje se rege pela sua carta medieval. Os burguezes de Londres estão organizados em corporações, como antigamente em Lisboa, com antigos e distinctos privilegios. São as corporações que elegem os *aldermen* (os anciãos, ou *prud'hommes*, ou vereadores), que de entre si escolhem o Lord Mayor. Este simples commerciante da City tem durante um anno o titulo de Lord e o tratamento de Lordship. Sua mulher é durante o mesmo tempo *The Lady Mayoress* e *Her Ladyship*. Recebem, em sua casa, de igual para igual, os Soberanos. O Soberano inglez, por um antigo privilegio, não pode entrar na City sem avisar previamente o Lord Mayor que vem á entrada da Cidade entregar-lhe as chaves.

Pois é n'esta *city*, onde a maior actividade commercial do mundo se concentra e o febril movimento moderno é regulado e floresce sob leis e costumes anachronicos, que os Reis portuguezes vão gozar da hospitalidade e receber a homenagem do povo de Londres. Esta hospitalidade é representada por um *lunch* comprido e mau que abre com a mais deliciosa symphonia de abertura que pode ter uma partitura culinaria. E' a classica, a tradicional, a inimitavel, a unica, sopa de tartaruga das cosinhas do Lord Mayor.

Mas se o *lunch* é comprido e mau, o espectáculo é interessante e pittoresco, com as fardas dos convivas, os trajes medievales dos *aldermen* e do Lord Mayor e dos dignitarios da *city*, e com a monumental *loving cup*, a taça da amizade, de ouro cinzelado, passando de mãos para mãos e de boca para boca, á roda da mesa, começando no Lord Mayor a quem se segue o seu hospede de honra.

Ora amando eu Londres, como amo, devo confessar que o maior encanto da grande capital é que a gente nunca lá pára. Permanenteemente só lá se está durante os dois ou tres mezes da *season*, no fim da primavera. E mesmo então não ha ninguem que possa que não vá estar no campo de sabbado á tarde até segunda-feira de manhã todas as semanas. E é no campo, em Windsor, um soberbo e antigo castello com um magnifico parque, de arvores muitas vezes seculares, que os Reis de Inglaterra recebem oficialmente os Reis de Portugal. Em qualquer guia de Inglaterra se encontra a descripção historica e pittoresca do grande castello onde a tradição assigna a tavola redonda do Rei Arthur.

Terminada a visita official, parece que Suas Magestades irão visitar os Duques de Devonshire na sua residencia de Chatsworth e os Duques de Portland na sua Abbadia de Welbeck.

O Duque de Devonshire, representante d'uma grande casa e senhor d'uma enorme fortuna, é um dos homens mais notaveis da politica inglesa. A austeridade do seu caracter é conhecida e respeitada no Reino Unido. E no entanto esse chefe d'um grande partido, esse *grand seigneur* invariavelmente solemne é um heroe de romance sentimental. Durante annos amou a viuva Duquesa de Manchester, née Condessa von Platen, que foi

durante meio seculo a maior belleza de Inglaterra. Era vivo o Duque de Devonshire, pae do actual, que então usava o titulo de Marquez de Hartington.

Por teima de velho, o Duque oppoz-se sempre ao casamento de Lord Hartington com a Duquesa de Manchester. E enquanto o pae foi vivo, o filho não lhe desobedeceu. Só por morte do velho Duque é que o casamento coroou a constancia dos dois namorados. E toda a sociedade londrina, tendo á frente o então Principe de Gales, hoje Eduardo VII, celebrou com enternecimento o enlace em que o noivo tinha 59 e a noiva 60 annos. Ha 12 annos que isto foi, Welbeck Abbey, o solar do duque de Portland, é uma antiga abbadia secularizada pela Reforma e dada por Guilherme III a Bentinck, seu compatriota e seu amigo, e tronco dos duques de Portland. O que ha de mais curioso é o palacio subterraneo com vastos salões e galerias, mandado construir pelo ultimo Duque, primo do actual. Era um magico, vivia retirado, e tanto, que se divertia a fazer palacios por baixo dos que herdara.

E' no campo, nas grandes casas senhoriaes, que se passa a vida elegante da Inglaterra. As mais bellas casas de Londres são apenas pied à terre da aristocracia, comparadas com as residencias principescas do campo, *castles*, *abbeys* ou *halls* onde uma architectura nobre e quasi sempre bella é o vasto escriptorio de recordações historicas e preciosidades artisticas.

As recepções em Londres, com excepção dos *early and small*, são quasi publicas. Convidam-se duas ou tres mil pessoas. Na casa só cabem trezentas. Mas entram uns e saem outros, a escada está cheia de gente, e estas festas são vulgarmente conhecidas pelo nome de *crushes*, esmagamentos.

Em contraposição, no campo só se convidam os *happy few*. E ahí se juntam aos prazeres saudaveis do sport, os encantos d'uma sociedade escolhida, elegante e alegre.

A Inglaterra é hoje, como outr'ora a França, o centro da elegancia. Só pode haver elegancia organizada onde ha um rei e uma corte. Quando esse rei é, como é ha mais de 30 annos o rei Eduardo, o *arbitrator elegantiarum*, a sua corte é necessariamente a corte mais elegante do mundo.

Accresce a isso que a Inglaterra tem, sem desfazer nas pessoas presentes (que são as nossas leitoras), as mulheres mais bonitas do



S. M. a Rainha D. Maria Pia

Regente do Reino na ausencia de El-Rei D. Carlos

mundo. Bem sei que não só em Portugal mas por toda essa Europa ha muito quem duvide d'isso. E justificam o seu scepticismo com as inglezas inverosímeis das excursões do Cook, com grandes pés a sahirem para fora das saias e grandes dentes a sahirem para fora das bocas. Mas eu tenho uma idéa acerca da empreza Cook. Estou que de facto não é uma Empreza Commercial para viagens baratas. É uma instituição nacional para exportação de feias. E assim se explica que haja tanta Ingleza feia cá fóra e tanta Ingleza bonita lá dentro.

Grande gente os Inglezes! Não lhes basta importar o que os outros teem de melhor, ainda por cima exportam o que elles teem de peor.

VISCONDE DE SANTO THYRRO.

## Cavalllos e mulheres

(Do livro «A Inglaterra de Hoje»)

Muitas vezes fui, como toda a gente, a *Hyde Park*, de tarde aos dias de semana, depois da missa aos domingos. De tarde, vae-se de carruagem, ou a cavallo; depois da missa, vae-se a pé. Não fica bem passear de carruagem ao domingo no *Park*. Amontoa-se a gente no *corner*, em volta do tapete de relva que veste o comoro onde Wellington, gigantesco e nú, empunha o seu facão, n'uma attitude de Alcides de feira.

O *Park* é um simulacro de campo. Estende se tambem a vista n'um banho de verde foto. São as mesmas arvores, nobremente copadas, destacando a sua folhagem espessa e escura nos horisontes de relva, com o mesmo encinzeiramento de ar azulado entre-meando os massivos da vegetação arborea. São os mesmos ramilhetes de rhododendrons e azaleas, com o seu colorido metallicamente roxo ou rubro, engastando-se nos tapetes esmeraldinos. São ainda os carneiros, pastando em rebanho. Vacas não vi, mas é facil que haja. São finalmente os grupos de creanças jogando sobre a relva, ou de rapazes exercitando se no *cricket*, ou no *foot ball* — *on the green*.

Deixemos, porém, isso: outra vez falaremos do *sport*. Agora vamos ao *Park* para observar os cavallo e as mulheres, os dois productos mais finamente caprichosos, mais superiormente requintados da civilização ingleza.

Eu não sou o que se chama um homem-de cavallo: por isso, de certo, não pasmo de admiração perante esses animaes esguos, com um desenvolvimento forçado dos membros posteriores que faz lembrar o kanguru, com umas pernas delgadas que parecem andas, com uns peitos enormes para permittir a respiração ampla nas corridas de fundo. Não sou homem-de-cavallo: não me extasio deante dos typos dos *thorough-bred*, machinas produzidas por uma arte longamente exercitada com a selecção, o *training* e a hereditariedade. Não me extasio, antes pelo contrario me custa a conter o riso, sem duvida irreverente, quando vejo sobre uma d'essas graas, de longo pescoço avançado, um velho *gentleman* ventripotente, de cara rapada e chapéo caído sobre a nuca, trotando por hygiene — receita se muito o *riding* contra a obesidade — ou sobre outra grua escarranchada uma cegonha negra, toda ossos, com o perfil agudo como uma navalha de barba, suissas pendentes, ao peito uma grande flôr, e no topete um chapéo irreprehensivelmente lustroso. Ah, de quem não manda brunir o seu chapéo cada vez que sae!

— Somos o povo mais bem vestido da Europa; dizia-me grave, compenetradamente, certo cavalheiro com quem me achei mais de uma vez em *Hyde Park*.

Mas quando o cavallo, cujo pello reluz tanto como os chapéos dos homens, galopa elasticamente sobre a pista de *Rotten-row*, levando em cima de si uma virgem loura, de olhos garços, vestida de negro, anjo transformado em centauro, sylphide com musculos de aço, que passa, deixando-nos em duvida sobre a exactidão da realidade humana, eu, sem ser de cavallo, não posso deixar de sentir dentro de mim alguma cousa parecida com o enthusiasmo.

Em boa verdade, a *miss* loura, de olhos côr de pervinca, profundamente doces, com o busto delgado a desabrochar na elegancia spiral da fórma esbelta; com a pelle avelludada de uma orchidea, a seducção no sorriso angelico, a virgindade a saltar na vermehidão subita da face, e a modestia escripta (tantas vezes, ah! em lingua arrevesada) no descer das palpebras franjadas de pestanas longas; a *miss*, loura imagem da innocencia, Eva incapaz de cair, cujas palavras soam como notas crystallinas, e cujo olhar tem canduras ineffaveis: em boa verdade, dá vontade da a gente cair de joelhos diante d'ella, não como diante das mulheres, mas sim com a adoração devida aos cherubins.

São, com effeito, ellas e os *thorough bred*s, os productos artificiaes superiores do requinte inglez. São o que a raça tem de melhor. São ellas que deram esses typos idealmente encantadores do Shakespeare: Virginia, Imogenia, Desdemona, Ophelia, Julieta; ou de Dickens: Esther, Agnes. São a mais bella e mais perfeita flôr feminina, enquanto a mulher é apenas a poesia da mocidade etherizada. Para isto, ninguem leva a palma á *miss* loura. Ha louras no

continente: as allemãs; mas são espessas e desenxabidas. Para virgens, as inglezas. D'ahi tambem a accettazione que teem as mado-nas *pre raphaeitais* de Millais e dos pintores de hoje.

Mas, ainda assim, e apesar do orgulho que os inglezes teem das suas *misses*, esse culto é excedido pela veneração prestada unanimemente á verdadeira matrona, ingleza *accomplished* cujo fim na vida é satisfazer a todas as conveniencias e ritos sociaes, dando a seu marido a plenitude de uma satisfação pretenciosamente encatharroadá, e de uma felicidade perfeita a ponto de se morrer de tédio.

Porque a efflorescencia das *misses* dura apenas um instante. A belleza era a *do diabo*; estava na frescura da pelle, na ingenuidade do olhar, no brilho dourado dos cabellos. Sob a pelle avelludada enrijam-se ossos duros. As faces pouco a pouco tomam uma expressão cortante, como a d'aquellas senhoras, já mães, que passam na sua caleche tirada por uma parelha esplendida de trotadores scandinavos. O viço murchou, e, como a belleza não era geometrica, principiam a desenhar-se physionomias que não promettam. O ar corta lhes a pelle, as faces engelham, com veios e marcas marmoreas; os narizes, ou se afilam como navalhas, ou se abatam côr de tomate. Lembram umas vezes o bife cru; outras vezes, sob os cabellos ruivos, mais ou menos pintados, folhas de cepa tisanadas pelo sol do outomno. As boccas afeiam-se, os dentes investem, avançando salientes, carnivoramente. A pé, attingem por vezes o limite da fealdade grotesca, suspensas nas pernas como em andas, com pescoços esgalgados de gansos. E' de a gente gritar por socorro, reconhecendo a propriedade com que o Garrett dividia a humanidade em tres sexos: o masculino, o feminino, e o das velhas inglezas.

Faz chorar as pedras lembrarmo-nos de que n'isto se tornaram as louras *misses* de olhos doces, côr de pervinca! E' verdade que tambem as ha que parecem bonecas de Nuremberg, com olhos de vidro e miolo de serradura. E a transformação do snjo nos seres para que não acho nome, tambem por fórma alguma é infallivel. Ha bonissimas mulheres, fructos mais ou menos maduros, que resistem,



Conselheiro Eduardo Villaça

Ministro dos Negocios Estrangeiros

sabe Deus á custa de quantos recursos de toilette; mas a regra, desgraçadamente, é deploravel.

Fôra de *Hyde Park*, a pé, nas ruas, võem-se mulheres ainda, e em que enxames! E' por ahi que se afere a falta de senso esthetico da população. As senhoras elegantes vestem-se, como em toda a parte, por modistas parisienses. Mas a ingleza-ingleza, cujo paladar reclama carne coberta de sal, nadando em molhos que arranham as guelas, essa reclama tambem, para a vista, as côres garridas. Abusam excessivamente do amarello côr de ouro fulvo, e do vermelho que espanta os touros. E' verdade que o clima, sem sol nem luz, esbate a crueza das côres, e torna inimpressionaveis as meias tintas. Talvez provenha d'isto a falta de sensibilidade nervosa da

vista e do olfacto. Talvez d'essa falta provenha a facilidade com que são fleugmaticas.

Fleugmaticamente, as mulheres caem aos molhos na devassidão. E o vicio, como a fealdade, pareceu-me, e é, aqui mais funebre. Respira-se um ar morno de concupiscencia. A chamma crua do gaz, ou ao clarão sepulchral da luz electrica, nas voltas irregulares das ruas a oeste de *Trafalgar square*, em torno de *Hay-market*, sob as arcadas de *Pall Mall*, no começo de *Picadilly*, para cima, na

espectros, ou almas penadas, as retardatarias vão arrastando o seu andar estonteado, offerecendo o seu sorriso lugubre. E, todavia, contraste immundamente horrivel, tambem aqui apparece Imogenia, ou Virginia, com os seus cabellos louros como trigo maduro, e os olhos cõr de pervinca, avelludadamente dôces.

É a usura, o desperdicio, *wear and tear*, de uma sociedade naturalista por impulso do temperamento violento, moralizado por um esforço da vontade mystica. Entregue a si, se pudesse esquecer o respeito constitucional por Deus e pela lei, o inglez era (e tem-no



Sir Martin Gosselin

Ministro de Inglaterra em Lisboa



Marquês do Soveral

Ministro de Portugal em Londres

encruzilhada, ao longo de *Regent Street*; e para o lado opposto, na embocadura do *Strand*: Nelson do alto da sua columna, mais os seus quatro leões assyrios, presidem a um mercado da mesma especie, e maior ainda, do que o dos velhos templos babilonicos.

É então que Londres tem um aspecto verdadeiramente oriental: quando a orgia, sob a égide da policia, larga o vôo desenfreado, e os grupos de bacchantes vão correndo nos passeios das ruas, atirando ao ar os seus risos, de braço dado a embriaguez com a

sido, sempre que pôde) um touro sem canga, um cavallo sem freio. Não tem a moralidade ingenita, natural, facil, como os povos em quem predominam os instinctos racionais. N'elle, o predominante são os *animal spirits*, contidos e enfreados por uma disciplina que voluntariamente impõe a si proprio, sem todavia ter consciencia completa do acto. É o instincto da conservação que lhe dicta a moral e a piedade religiosa. D'esta sua inferioridade vem a sua força; porque a sociedade tem, no respeito e na gravidade, o cimento de uma cohesão mais solida; ao passo que o individuo tem uma energia propulsiva maior, do que outro qualquer europeu.



Condessa de Seisal

Dama-Camarista de S. M. a Rainha



Dr. Antonio de Lencastre

Medico de Suas Magestades

luxuria, por entre os clarões spectraes da luz electrica, ou sob a iluminação dura do gaz, abafada pelas trevas do ar pesado. A onda que vae rolando engrossa com rios femininos que desembocam. Aqui é o salão vastissimo do restaurante *St. James*, que se fecha; além é a *Alhambra*, onde o espectáculo acabou; em frente, o *Empire*, que poz ponto á exhibição lasciva dos bailados deslumbrantes. O mercado da carne augmenta, e com igual voracidade o inglez engurgita o *joint* e o amor. A onda rola, as ruas vasam se. Como

E esta mesma observação, isto é, a co-existencia do naturalismo e de uma religiosidade instinctiva, explica o culto que rendem ás suas duas melhores obras de arte: os cavallos e as mulheres. O cavallo é o primeiro instrumento do *sport*, onde o naturalismo principalmente se affirma pelos costumes. A mulher é *Hestia*, ou *Vesta*, a deusa do lar domestico, senhora ou rainha do *home*, d'onde reina, disciplinando a vida, submettendo o luctador ao regimen, muitas vezes mal soffrido, da moral, ou do *cant*.

## A politica: Westminster e a "Law Court"

Tudo em Inglaterra, absolutamente tudo, se torna *sport*. Desde que formularam a existencia como um combate e inventaram a lei do *struggle for life*, exprimindo, com essas doutrinas de um natura-



Conde de Arnoso  
Secretario de S. M. El-Rei

lismo cru, o instincto mais profundamente constitucional do seu genio, não admira que a idéa da lucta inspire de principio a fim



Conde da Ribeira Grande  
Veador de S. M. a Rainha

os actos dos inglezes. A falta de senso metaphysico não lhes deixa perceber as cousas á moda continental classica: não sentem o



Conde de Tarouca  
Camorista de S. M. El-Rei

principio de harmonia immanente no mundo, percebendo apenas as fórmas antitheticas da phenomenalidade.

Tudo é *sport*, isto é, exercicio destinado a dar pasto á força de temperamentos exuberantes, em vez de acção coordenada para a realisação de um fim superior ao individuo. Tomemos um exemplo. O francez trabalha, junta e enriquece, para que? para crear uma casa e uma familia, a quem deixe o fructo do seu trabalho. O inglez, pelo contrario, nunca obedece á idéa mais abstracta da familia; trabalha e ganha por necessidade de um temperamento irrequieto, de um genio insusceptivel de contemplação. Trabalha e ganha pelo mesmo motivo que depois o faz gastar perdulariamente, sem cuidado na herança dos filhos. Tratem de si. Instruidos e equipados para a lucta da vida, deita-os pelo mundo fóra, a batalha a.

Outro exemplo é a politica. Dos varios *sports* inglezes, é este o mais attrahente. A maneira que teem de encarar a acção politica explica as differenças de facto estranhas, quando se compara o que succede aqui, ao que se passa do outro lado do Canal. No continente, a acção politica é sempre subordinada a idéas doutrinaes, ou ao ponto-de honra; aqui é um conflicto e um jogo da mesma natureza essencial dos jogos athleticos. Degladiam-se interesses positivos, e debatem-se energias individuais. A fórma porque o fazem não offende, nem melindra, como succederia entre os povos continentaes, em que o espirito de sociabilidade domina. Podem



Contra-almirante Hermenegildo Capello  
Ajudante de campo de S. M. El-Rei

na lucta do *box* dois campeões partirem-se respectivamente as caras; nem por isso ha offensa. Tambem na politica são licitas as maximas injurias. E' de boa guerra. O ponto de-honra não se concebe, quando não ha instincto de sociabilidade. Assim, o duello é cousa desconhecida; e as maximas affrontas, ou se engolem em secco, ou vão escancarar-se cruamente perante os tribunaes publicos.

Por isto, a pratica dos costumes parlamentares inglezes, quando se adoptou por copia servil entre os continentaes, nervosamente



Antonio Jervis Pinto Bastos  
Official das ordens de S. M. El-Rei

susceptiveis, deu de si, ou uma exacerbção de odios e attrictos pessoases, ou, o que foi peor ainda, um descaramento completo. Nós não podemos comprehender que homens se insultem publicamente por politica, por *sport*, continuando a estimar-se á saída da camara, ou do comicio, como aqui succede. E por isso o commentario dos debates é o duello; ou então um rebaixamento vil em que, ao descaramento das polemicas, succede o desprestigio da classe dos politicos. Aqui, pelo contrario, ninguem se desprestigia, nem pelos insultos que diz, nem pelos que ouve. E' da guerra. Ficam com a cara esfrangalhada, mas a galeria applaude quem tem mais força, ou é mais dextro. A politica é o maximo *sport*.

E não ha, com effeito, *sportman* d'este genero mais completo e acabado, do que o *great old man*, Gladstone, que, agora mesmo,

corre a Inglaterra na campanha eleitoral destinada a derrubar o ministerio Salisbury. Para que? Para nada; pois fará exactamente



Palácio Buckingham — Londres

o mesmo; nem é lícito hoje seguir em Inglaterra (e quasi em toda a parte) senão uma politica: o possibilismo. Sobre todas as questões classicas para, como o *fatum* da tragedia antiga, aquillo a que se chama a questão social, isto é, o correspondente, nos tempos modernos, á guerra dos escravos que deu cabo da republica romana.

É certa, porém, a victoria de Gladstone, porque os inglezes fizeram d'elle um *favourite*. Vêem-se retratados no *great old man*: nas suas chimeras philanthropicas, na estreiteza e na falta de espirito comprehensivo do seu talento, na sua actividade quasi milagrosa, no seu nervo, na sua energia phenomenal aos oitenta annos, correndo em permanencia a Inglaterra, assistindo a *meetings*, acclamado hoje, corrido a cacos e batatas, com que lhe rachim amanhã a cabeça; nos intervallos recolhendo-se ao seu castello, e empregando os ocios a cortar arvores: especie de titan politico, ou hercules parlamentar, com a sua face aguda, os seus collarinhos anachronicos, e uma physionomia quasi historica, em que a Inglaterra venera o puritanismo declinante, extasiada e attonita perante a corrente inexgotavel de discursos que os labios de Gladstone despejam, quando se agitam nas convulsões d'aquella *diarrhoical eloquence*, a que Disraeli, o seu rival, fazia uma troça desapiedada. Este periodo safu gladstoniano.

Dirigiam-se os meus passos para o palacio de Westminster, construido junto á velha abbadia, ladeando o Tamisa, em cujas aguas plumbeas se espalham as torres e agulhas, as pilastras e laçarias, d'essa enorme montanha de pedra erguida para habitação do parlamento.

Westminster e os tribunaes de *Temple bar* (para leste, no fim do *Strand*) são as duas edificações mais consideraveis da Londres novissima. Alojando *imperialmente* o parlamento e os tribunaes, o povo inglez manifestou o seu culto pelas duas insti-

tuções fundamentaes da vida nacional. E os architectos, deli-neando estes dois monumentos, conforme a tradição britannica dos tempos das duas rainhas, a rainha Izabel e a rainha Anna, fizeram n'isso mesmo a apothose da terceira grande rainha ingleza, a rainha Victoria.

Essa architectura do palacio de *Temple bar* (parece-me tel o observado já) coaduna-se com a paizagem e o clima britannicos; mas, n'este caso especial de que tratamos, ha mais. Um palacio de estylo inglez não tem a ordenação unitaria e harmonica das construcções classicas: é um aggregado de torres, e tectos, e porticos, e passagens, irregular, asymetrico, e que tanto pode parar onde está, como prolongar-se indefinidamente por juxta-posições successivas. E é exactamente assim o direito inglez, em que cada caso e cada sentença formam um aresto, em que não ha principios geraes, nem codificação systematica; emmaranhada construcção de textos, datas, precedentes e circumstancias ainda a do litigante, exactamente como os meus olhos se perdiam na contemplação da immensa mole de *Temple bar*.

Depois, a architectura monumental não se distingue da domestica, tambem exactamente como a legislação ingleza, que nunca adquiriu as linhas structuraes das construcções systmaticas, ficando confundida nas origens primitivas do direito patriarchal.

O palacio de *Temple bar* tanto podia ser a morada da justiça, como a habitação magnifica de um senhor feudal, á antiga. São torres acastelladas, tectos esguios coroados de tympanos e bordaduras, guaritas com seteteiras nos angulos dos corpos salientes, *bow windows* repetidas, arcarias ogivae, corredores e pateos obscuros que parecem entradas de fortaleza antiga, com a sua ponte levadiga e os archeiros couraçados de ferro, fazendo alas.

É immenso, em boa verdade; mas a um continental só infunde impressões de grandeza aquillo que tem proporções nitidas e or-



Embarcadouro no Tamisa — Londres



O castello de Windsor — Londres

denadas. O tamanho é questão secundaria. O Parthenon, e não ha nada superior em magnificencia, era bem pequeno.

Perante Westminster, o caso é outro. A concepção architectural formou-se de um jacto, e a fachada, avançando sobre as duas torres, contra o rio, debruçada na margem, tem uma grandeza esmagadora de edificio gigantesco, quasi oriental, assyrio, ou babilonico, apesar dos pormenores. Observado a distancia, fundida n'um todo essa enorme montanha de pedra que cobre quatro acres de superficie, coroada pelas agulhas das torres cravando-se no céu e dardejando no ar o reflexo das suas douraduras, a impressão resultante é fortemente accentuada. Se não levanta o espirito em entusiasmo, como succede perane as sublimes concepções do genio: obriga-o a curvar-se humilde diante de uma ingente manifestação de força.

Ao pé, a repetição insistente, a copia constante das mesmas linhas e motivos de construcção, fatiga. Entre gigantes esguios que vão no alto acabar em agulha, rasgam-se janellas enormes ercaixilhadas em pedra, para distribuir no interior abundantemente a luz escassa d'estes céos de chumbo. As mesmas laçarias, as mesmas ogivas, os mesmos columnellos e maineis, baldaquins, rosas, nervuras vegetalmente desenhadas: todos os motivos que fazem das fachadas dos edificios d'esta especie alguma cousa semelhante a uma folha immensa que, seccando, se arrendou, reproduzem-se fatigantemente, tal é a extensão do monumento.

O estylo ogival não comporta a repetição. Uma columnada, uma arcaria, podem reproduzir-se e prolongar-se indefinidamente. Não succede o mesmo com as

fachadas chamadas *gothicas*. Por isso, attendendo ás proporções gigantescas de Westminster, a idéa de seguir para o palacio o typo vizinho da abbadia antiga, deu de si uma construcção monstruosamente monotona. Quando, como eu fiz, se faz o circuito do



A praça Waterloo — Londres

enorme edificio, cuja mole assusta e cujas perspectivas distantes deslumbram, acaba-se fatigado de tão escassa invenção, e afflicto por tamanha monotonia.

## O parlamento: "Home rule"

Antes de visitar o parlamento, mostraram-me o grande *hall* que serve para os processos politicos. Essa immensa sala é, no seu genero, magnifica; e digo no seu genero, porque eu prefiro as salas marmoreas, sem *conforto* domestico, logo á primeira vista feitas para as solemnidades, em plena communicação com a luz e com o ar. O *hall* de Westminster, pelo contrario, tem os caracteres communs das habitações de quem é forçado a viver em divorcio com a natureza ambiente. Disseram-me que o tecto magnifico de castanho esculpido, tecto obscuro que absorve a luz, data do seculo xi.

Em toda a volta da sala, as guarnições de madeira entalhada revestem as paredes até certa altura, e d'ahi para cima cobrem nas guadamecins fulvos, banhados em ouro, ou tapeçarias vermelhas, cabindo em dobras pesadas e graves. Do tecto descem lustres. Pelas janelas de vidraças coloridas cõa-se uma luz desnatural, violentada pelos tons dourados, ou vermelhos, verdes ou violetas. Esses tons furos, e os contrastes violentos do claro-escuro, são indispensaveis, quando faltam os nossos aureos banhos de luz quente do sol, para dar a grandezza que não ha no céu; pedindo ás invenções do luxo e da arte aquillo que, nos ares gloriosos do Meio-dia, a natureza distribue a mãos largas, gratuitamente. Leva em si rios de diamantes, de rubis, de saphiras e de esmeraldas, a ondulação da nossa luz.

As salas das duas camaras são eguaes. Eu vi a dos *Commons*, onde havia sessão esse dia. A impressão foi a mesma do grande *hall*: está se em casa, casa rica, sem faltar nenhum conforto, e onde o luxo tem um ar grave; mas está se em casa, não se está n'um templo. O senado romano, tendo ao fundo o altar da Victoria, perante o qual ardia o incenso e os senadores juravam estendendo a dextra, devia ser inteiramente diverso d'este recinto cubico, quasi escuro, em que raros cavalheiros, de chapéu na cabeça, ouvem falar um collega.

Os deputados são 670, mas repetidas vezes as sessões se suspendem por falta do numero legal, que é 40. Essas bancadas, dispostas em amphitheatro, enchem tres faces da sala, que é um rectangulo alongado. Os deputados não tem carteiras: só cadeiras; tomam notas sobre o joelho. A meia altura das paredes, por cima do amphitheatro, avança a galeria aberta dos ouvintes. As sessões não são publicas. H' os mesmos tectos entalhados de madeira brunida, os mesmos guadamecins, os mesmos revestimentos de preciosa talha, as mesmas tapeçarias, onde a luz colorida das vidraças se fixa em manchas polychromias.

Em frente, correspondendo ao altar da Victoria, está o throno do *speaker*, personagem de voz nasal e cabelleira branca, postica, conforme o rito. Este amor grotesco do ingles pelas ferragens de opera-comica impressiona, quando se oppõe, por contraste, á sem cerimonia com que os deputados falam e passeiam de chapéu na

cabeça, como na rua. Não sou dos que se pronunciam contra o valor do *culto externo* nas funcções publicas. Infelizmente, a verdade é que o homem necessita de ser impressionado pelos sentidos e mantido pela tradição, para se deixar governar. Mas a cabelleira do *speaker* offendeu-me tanto, quanto o fardamento historico dos guardas da torre de Londres. É caricato. A primeira condição do *culto externo* é crear uma atmosfera de respeito. E se na camara se está como na rua, se não ha tribuna, nem portanto o consequente abuso da fallacia, para qué é, e de que serve, a cabelleira do *speaker*?

Quem fala tira o chapéu e levanta-se de pé; mas fala do seu lugar. Em frente do throno do *speaker* fica em baixo, atravessado, o bufete dos officiaes da camara; e entre os dois amphitheatros lateraes, na metade superior da sala, a vasta mesa, a cujos lados se sentam os ministros.

N'esta sessão falou o sr. Balfour, pedindo á camara que apressasse os seus trabalhos para ultimar o voto das leis promettidas no discurso da corda, pois o parlamento ia ser dissolvido, e convocadas novas camaras. Não era novidade, mas era a primeira vez que se dizia officialmente. Por isso havia na sala umas dezenas de pessoas, e se escutavam as palavras do ministro, que já abertamente era considerado homem batido no *sport* politico. Ninguem punha em duvida a victoria de Gladstone. Todas as atenções nervosas se voltavam para a lucta eleitoral. O parlamento agonisava, e por isso mesmo cada deputado queria ver votado o projecto necessario para influir no respectivo circulo.

O coronel Nolan, que obsequiosamente me proporcionara o accesso á parte da tribuna separada para o corpo diplomatico, fez favor de me munir com a ordem do dia da sessão e o texto dos projectos de lei respectivos. Conservei esses documentos. A precisão minuciosa da redacção das leis e a sua concisão, são modelos. Modelos são os relatorios summarios que as preceder. Não ha os palavreados tão nossos conhecidos, nem as exhibições quasi pueris, ás vezes, de um saber avariado, ou de uma doutrina feita á tesoura. E' tudo rapido, preciso, nitido, pratico. Do mesmo modo são as discussões. Poucas palavras, breves. Discursos de tres dias é cousa que não ha, nem de tres horas; ninguem está para os fazer porque ninguem teria paciencia para os ouvir. Por isso é extraordinaria a quantidade de trabalho que abatem n'uma sessão. Não se perde metade do tempo nos incidentes imprevistos de antes da ordem do dia, porque não ha perguntas aos ministros que não sejam previamente communicadas á mesa e incluídas no catalogo dos trabalhos diarios. A folha que tenho aqui, para 13 de junho, enumera nada menos de 44 perguntas aos ministros, além de 49 projectos de lei, dos quaes 21 de iniciativa governamental. As commissões funcionam conjunctamente com a camara. Os deputados andam n'um entrar e sair constante. O expediente leva-se a correr. E as sessões duram longas horas, antes e depois do jantar, pois é no proprio palacio das côrtes que os deputados jantam. Parece que em parte alguma se come melhor em Londres. As senhoras veem fazer companhia aos maridos, e é muito divertido *folly*.

A lei que no meu dia provocou alguma discussão foi a das escolas na Irlanda. Tocava-se em uma das feridas constitucionaes da



Ponte sobre o Tamisa — Londres

Inglaterra, em uma das questões ardentes da actualidade; e tanto mais vibrante, quanto Gladstone fizera do *home rule* irlandez a *platforme* da campanha eleitoral que absorvia todas as atenções, e de que os debates d'esta camara agonisante não eram mais do que os ecos sem maior importancia.

Entre as questões constitucionaes da actualidade em Inglaterra figura em logar o *home rule*, ou autonomia da Irlanda; e não tanto pelo que vale em si, como pelo que indica no sentido da resolução

das questões parallelas. O problema particular da Irlanda resolve-o dia a dia a emigração, despovoando os campos, onde os donos das terras substituem á lavoura a engorda de gados. Mas o *home rule*, hoje, conforme Gladstone ousadamente o disse no seu discurso de Edimburgo, não é já sómente dar, ou não dar, satisfação ao auto-dominio irlandez; mas sim saber se a Inglaterra continuará a proseguir no caminho da centralisação, á moda continental, conforme lho reclama a conservação do seu imperio ultramarino; ou se, dando costas a esse modernismo, regressará á sua tradição loca-



Piccadilly em Londres, por onde passou o cortejo de SS. MM

lista, consagrando-a em moldes constitucionaes federativos, á imagem dos Estados Unidos, a nova Inglaterra americana.

O *home rule*, que Gladstone prégava em Edimburgo para a Irlanda, era um corpo de instituições idénticas ás colonias autonomas, com finanças, impostos e administração proprios. E falando na capital da Escocia, o *great old man* dizia que, se a Escocia quizesse tambem o *home rule*, tambem o teria.

A chimera de uma metropole federal, regendo um vastissimo imperio ultramarino, mostra a nú o ponto de crise a que a Inglaterra tinha de forçosamente chegar, e em que se encontra. Por um lado, o temperamento da raça, naturalista e individualmente exuberante; por outro a tradição de uma historia em que as nacionalidades enfeixadas no Reino-Unido não chegaram ao ponto de fusão e penetração reciprocas, estão chamando o radicalismo para a fórma federal. Mas este pensamento briga fundamentalmente, em primeiro logar com a revolução economica que transformou a Inglaterra n'uma fabrica-banco para explorar o mundo inteiro, dependendo d'elle para a subsistencia alimenticia; e em segundo logar, com o facto do dominio politico exercido sobre toda a superficie do globo, n'um imperio retalhado a que unicamente imprime nexo e garante estabilidade, a manutenção de um poder militar-naval incomparavel.

A historia inteira, vindo em soccorro do bom senso mais elemental, mostra-nos que o *imperialismo* da Inglaterra é a consequencia necessaria do seu papel economico e da vastidão dos seus dominios; dizendo-nos que no dia em que a Inglaterra quizesse voltar ao *par-tanismo* federativo, n'esse dia, com applauso do mundo inteiro, o seu poder politico teria desabado.

## As questões fundamentaes

Outro problema é exactamente o da conservação e exploração do imperio ultramarino. Não falta quem, argumentando com o exemplo dos Estados Unidos, advogue a doutrina da abstenção perante as tendencias separatistas das colonias. Como nação, a Inglaterra faria o mesmo que, no povo, os paes fazem aos filhos: educal-os, creal-os, e depois — ala! — é tratar da vida. A sorte que os Estados Unidos tiveram no fim do seculo passado, é o futuro que esperaria as mais colonias que quizessem tornar-se independentes. Creadora e amamentadora de nações, a Inglaterra não deve outra vez commetter o erro de se lhes oppôr á emancipação; pelo contrario, deve favorecer. E quanto aos paizes submettidos ao imperio inglez, como a India, a doutrina é a mesma. No dia em que engeitassem a tutela protectora da Inglaterra, deixal-os á sorte das suas preferencias. Opta a India pela Russia? Pois Gladstone não hesitou uma vez em declarar que, a ser assim, o melhor era cruzar os braços e deixal que os indios fossem russos. Essa consequencia paradoxal do doutrinarmismo hirto do *great old man* não o inutili-

sou, porém. O inglez não toma ao pé da letra o que se diz: só lhe importa o que se faz.

As afirmações mais estapafurdias dos litigantes politicos consideram a materia de *sport*. Não tira, nem põe. O instincto diz-lhe que, acima de todas as extravagancias dos homens systematicos, está, para esses proprios homens, e para toda a nação, a força ineluctavel das cousas.

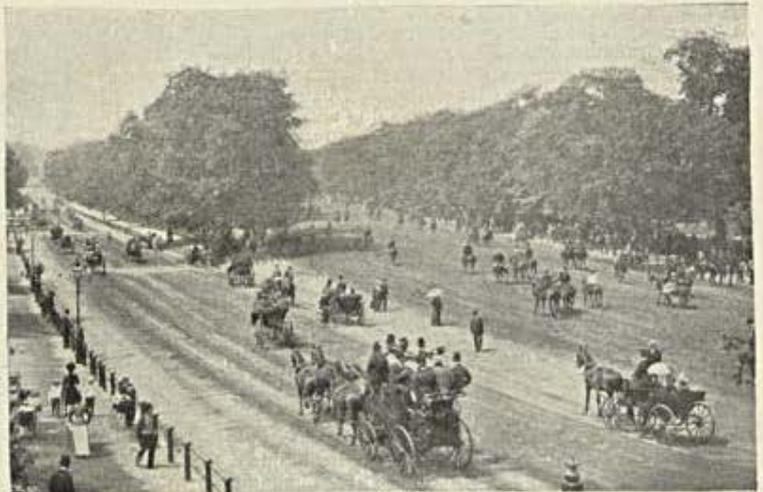
A prova provada d'isto que digo é o que está succedendo, n'esta propria ordem de idéas, com a questão da occupação do Egypto. O radicalismo inteiro protesta contra ella. Gladstone terminantemente affirmou que procederia á evacuação; mas pode com segurança prophetisar-se que não commetterá semelhante erro. A politica *imperial*, proclamada theatralmente por Disraeli, quando foi da coroação da rainha Victoria, imperatriz das Indias, é a unica politica possivel.

As nações, sob pena de morte, não podem abdicar. E o suicidio é um pbenomeno da esphera da liberdade individual apenas. Ora a idéa de dar aos indios a opção do protector não passa de uma extravagancia do acanhado criterio philanthropico do *old man*, que n'isto só poderemos considerar *grande*, reconhecendo que é *representative* de uma parte muito consideravel, porventura predominante, das opiniões individuaes inglezas. Não se confunda, porém, que é um erro, a somma das opiniões individuaes com o instincto synthetico de um povo. *Vir-tim*, os inglezes serão abstencionistas; mas o sentimento colectivo é imperialista.

E' e sel o-ha tanto mais, quanto mais de perto se chegar á situação para que o Oriente caminha. Já na Birmania o imperio inglez raia com os francezes do Tonkin e do Annam. Já no planalto do Pamir e em todo o Afghanistan, inglezes e russos estão frente a frente, chocando-se, no alastrar de uma expansão energica. Ameaça ruina o imperio inglez? Não; mas cahiria por terra, no momento em que lhe faltasse a segurança da estrada no Oriente que tem como estações successivas, Gibraltar, Malta, Chipre, o Egypto, Aden. Essa cadeia de baluartes adquiridos, uns á força, outros por compra, outros por arte, tem hoje, desde que o Egypto e o canal de Suez ficaram britannicos, o élo basililar no valle do Nilo. A evacuação é uma caturreira, não é outra cousa.

Se eu fosse inglez applaudiria *manibus pedibus* que a politica de Beaconsfield, tão evidentemente sensata que convenceu o melhor dos *whigs*, scizionando o partido, e ligando se aos *tories* do ministrio de Salisbury o grupo *unionista* de Hartington e Chamberlain. Com o *old man* ficou a cauda extrema do partido, que já hoje se dobra para o morder pela bocca serpentina de Labouchère. Se eu fosse inglez, iria com a corrente de opinião que, em vez de pôr os olhos na futura emancipação das colonias, defende, ao contrario, uma politica de estreitamento de relações com ellas; oppondo ao pro-teccionismo radical das nações europeas do continente, e ao americanismo da doutrina de Munroe, proclamada nas pautas de Mac Kinley, um *solloverein* ou liga aduaneira dos ganglios dispersos do corpo nacional-colonial inglez.

Só d'esta fórma se concebe o caracter de metropole das ilhas britannicas. Emancipadas as colonias, defendidas as nações estra-



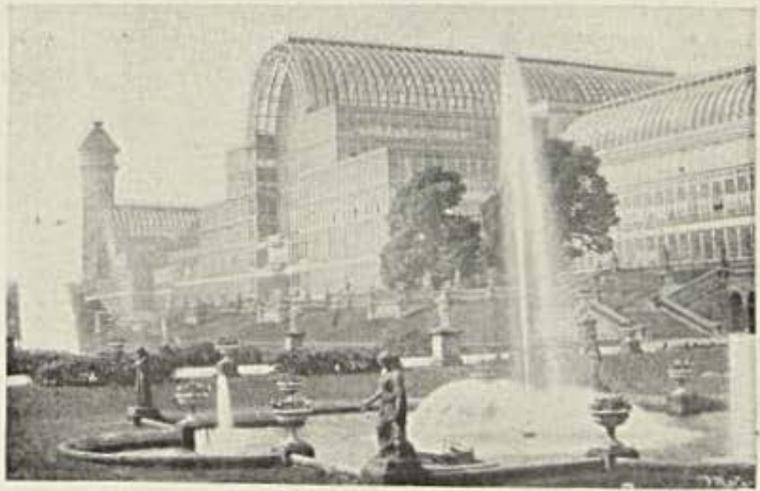
Hyde Park, em Londres

nhas por uma judiciousa politica economica, a Inglaterra, sem mercados para os productos da sua industria, sem fretos para a sua marinha, e tendo de comprar quasi tudo quanto come, ficaria condemnada á ruina. Grave symptoma e comprovação d'isso que affirmo é, já hoje, a sensivel queda das exportações e a baixa dos fretes maritimos, com os portos atulhados de vapores a enferrujarem-se.

Para esclarecer melhor este ponto capital da situação ingleza,

os leitores desculparão que eu corrobore as considerações feitas com os algarismos respectivos. Não ha melhor eloquencia do que a dos factos.

A somma total do commercio externo da Inglaterra, em 1890, foi de 743 milhões de libras sterlingas, dos quaes 420 na importação e 323 na exportação. O deficit de 97, digamos 100 milhões, provém da excessiva somma de alimentos e materias primas que os estomagos e as fabricas inglezas não encontram, nem podem encontrar, na área das suas ilhas. D'esse deficit, metade, ou 50 milhões, são pagos aos Estados-Unidos por compras de trigo e algodão, principalmente, depois de encontrado o valor das exportações de manufacturas (1). Mas essas exportações diminuem, não podendo diminuir as importações, senão quando a Inglaterra, em vez de comprar a estrangeiros as subsistencias e as materias primas de que necessita, as obtivesse nas suas proprias colonias. Ora, em 1890, o commercio total das colonias somou 204 milhões, nos quaes a Australia entra por 133, a Africa Austral por 15, e a America Septentrional por 56. Mas do total de 204 milhões, as relações com a metropole representam apenas 91, sendo 113 de relações com possessões inglezas e com mercados estrangeiros. Se na Australasia estas ultimas representam apenas 16 milhões sobre um total de 133; se na Africa Austral representam menos de 2 milhões sobre o total de 15: no



O Palacio de Crystal de Londres



Londres — Charing-Cross — A estação do caminho de ferro

Canadá, o caso muda de figura. Sobre o total de 56 milhões, metade é estrangeiro; e o mais grave é que as relações commerciaes externas tendem a subir, em quanto as nacionaes declinam. De 15 milhões que eram em 1875, são 10 apenas em 1890; ao mesmo tempo que o commercio estrangeiro subia de 24 a 46 milhões.

O estabelecimento de direitos differencias é o remedio preconizado para nacionalisar o commercio colonial, permitindo assim á metropole abastecer-se de alimentos e materias-primas na área dos seus dominios, e libertar-se da dependencia dos estrangeiros. O *sollverein* imperial prende-se directamente, como é obvio, com a politica externa da Inglaterra, a qual, por seu turno, depende essencialmente da direcção centralista, ou federalista, que tomar a constituição do Reino-Unido. Mas, no systema das questões internas, a politica constitucional relaciona-se, intima e directamente, com o proteccionismo reclamado pela agricultura, e condemnado pela industria e pelo operariado como encarecendo a vida; relaciona-se com o jacobinismo politico da extrema esquerda *whig*, e com o socialismo do proletariado que reclama leis de protecção e emancipação.

Não parece indicado que a Inglaterra entre n'um caminho de proteccionismo rural, analogo ao francez, pois a agricultura ingleza está condemnada pela transformação da metropole em officina e banco de um grande imperio; mas este proprio facto engrandece as proporções, e augmenta a gravidade do jacobinismo e do socialismo.

Nos campos, o proprietario perde todos os dias a sua influen-

(1) A dependencia da Inglaterra é geral a quasi todas as nações. Eis aqui os algarismos de 1890 (milhões de libras):

	Importação	Exportação
Estados-Unidos.....	97	46
França.....	45	25
Alemanha.....	36	30
Hollanda.....	26	16
Russia.....	24	9
Suecia-Noruega-Dinamarca.....	19	10
Belgia.....	17	13
Hispanha e Portugal.....	8	8
Italia.....	3	8
Turquia.....	5	7
America do Sul.....	13	21
China.....	6	9
Austria-Grecia-Rumania.....	8	4



Londres — Uma rua da City

cia, ao mesmo tempo que o alargamento do censo eleitoral multiplica o numero dos votos ruraes. A maioria dos proprietarios é conservadora; mas a maioria dos votantes é radical, ou pelo menos liberal. Antigamente, a Inglaterra chegou a realizar uma reproducção da Roma republicana e senatorial: uma democracia governada por uma aristocracia. A opinião reinava e os grandes governavam. As velhas familias fabricavam o pessoal necessario para as funções publicas: ministros, deputados, generaes, diplomatas. Hoje, o caso é inteiramente outro. Com a expansão do imperio e com a accumulção da riqueza, no regimen natural da concorrência e da selecção animal, desapareceu a classe média remediada, quer nos campos, quer nas cidades; e ao mesmo tempo a aristocracia historica cedeu o imperio a uma plutocracia. O vasto e solido strato de pequenos proprietarios ruraes, base social da nação franceza, dá estabilidade á sua democracia, armando-a contra os desvaireamentos demagogicos e contra as allucinações anarchistas das plebes urbanas. Em Inglaterra, onde, perante uma minoria de plutocratas, se agita a multidão proletaria, a democracia só encontra um escudo contra os desvaireamentos anarchistas no bom senso fleugmatico do genio nacional, e na sua antipathia pelas idéas geraes systematicas.

Mas a propria virtude d'esta situação social mostrou, sem necessidade de mais explicações, como o campo é adquado para sementeira demagogica socialista; e como a consequencia de um tal estado é a confusão e o enfra-



Actriz Paulette Darty

quecimento dos partidos políticos historicos. A historia agora é outra. O espirito conservador inglez de quando era aphoristica a phrase *Nolumus leges Anglice mutari*, acabou. Se o *imperialismo* e as inclinações para o *socialismo de Estado*, á moda allemã, rejuvesceram o partido *tory*, é positivo que as suas raizes aristocraticas lhe prejudicam a acção. Por outro lado, os *schigs* são já verdadeiramente *cabelleiras* no seu radicalismo individualista e philantropo, pois a era do *puritanismo* passou para a Inglaterra,

revolvida pelos interesses de um enorme imperio, e atormentada pelas contendas asperas das classes industriaes hostis, patrões e operarios. Os partidos velhos acabaram de facto com o cyclo historico d'onde provinham: acabaram de facto, embora se conservem os nomes, pela influencia pessoal de chefes quasi posthumos, como Gladstone que indiscutivelmente sobrevive. A democracia ingleza encontrará, porém, certamente, uma formula e um partido novo que satisfaçam ao mesmo tempo as exigencias externas do imperialismo e as necessidades internas da lucta ardente do proletariado industrial, evitando os perigos parallelos da demagogia e do anarchismo, tão mortaes como a resurreição anachronica do puritanismo *schig*, isto é, *cabelleira*.

OLIVEIRA MARTINS.



O actor francez Mounet Sully no «Hamlet»



Actriz Jane Hading

## Soneto para o seculo XX

«Der Dichter ist der Wissende des Unbewussten, der absichtliche Darsteller des Unwillkürlichen.»

Richard Wagner. Oper und Drama, Tom. IV.  
Goetz'sche Schriften. Pag. 161.

Dizem que a Arte de Goethe é uma arte anachronica,  
Coeva de mammoth e das larvas primarias,  
Que Homero não passou d'uma abantesma tragica  
Vislumbrada através de trevas millenarias.

Dizem que todos nós lembramos uns ridiculos  
Idoltras senis de coisas funerarias,  
E andamos a colher, incuraveis maniacos,  
Em cinzas hybernaes, flores imaginarias.

Dizem que a Poesia ha muito está cadaver,  
E a Rima faz lembrar um guiso de funambulo,  
Monotono a tinir no trampolim do Verso...

Que importa? se, bemdita essa loucura mystica  
Entorna em nossa Vida o leite do papaver  
E abre á nossa Alma triste o azul de outro Universo!...

EGAS MONIZ

(Pethion de Villar).

# Vilancete

*A certa dama esquiva*

Senhora dos meus peccados,  
Dona do meu pensamento!  
Os vossos olhos rasgados  
São meu mal e meu contento.

Vejo-vos sempre á janella  
Por dentro da gelosia:  
Sois menina e sois donzella,  
Nãs temais a luz do dia!  
Se o vosso olhar me flagela,  
Não vos dê isso cuidados  
Senhora dos meus peccados.

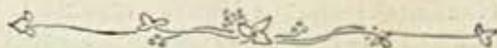
Quem vive a pensar num gôzo  
Não é muito que padeça;  
Mas quem tem porte fermoso,  
Mal vai que não appareça.  
Não queiraes que eu enlouqueça  
Com nosso retrahimento,  
Dona do meu pensamento!

Mostai-me á luz do bom sol  
A causa do meu penar.  
Meu occulto russinol  
Vinde ao meu lado cantar.  
Que eu egue após vos fitar!  
Mas que veja em mim fitados  
Os vossos olhos rasgados...

Alegre ante vós arrasto  
O meu amor, dia a dia!  
Mas quando de vós me afasto  
Volta comigo a agonia...  
Que por traz da gelosia  
Vossos olhos, num momento,  
São meu mal e meu contento.

San Miguel — 1904.

RAPOSO DE OLIVEIRA



Actor Le Bargy



O actor francez Mounet Sully no «Oedipe Roi»



Eduardo Bulcão

Consul de França e gerente da importante casa Bensaude  
na cidade da Horta, ilha do Fayal

# CHRONICA

Não ha nada como o outomno para dias bonitos, de muita luz, muito azul e muito perfume; dias alegres em que a Natureza parece entoar um côro de saudação á Belleza; dias exuberantes de seiva, em que os velhos remoçam e os novos cantam; em que o ramalhar das arvores, deixando cabir as folhas seccas, n'um coquette rejuvenescimento, se assemelha ao rulhar de namorados, alta noite, estrada fora... Ah! sobretudo o céu de Lisboa não tem rival. Se a gente o pudesse alugar! Se se pudesse exportal-o como se exportam violetas e camelias, laranjas e vinhos do Porto! Se se pudesse partil-o aos bocadinhos para com elles pagar os juros da divida externa! Em uma palavra, se o pudessemos vender!

Quantos não o ambicionariam! Como seria disputado esse lote n'um leilão universal em que cada nação podesse vir licitar! ou então vendel-o não aos metros mas aos minutos. Meio dia de céu azul para uma festa campestre, meia hora para uma corrida, dez minutos para ir á Baixa. Paris precisava de um dia bonito? Dava-se-lhe o nosso céu. Londres queria um mez? Saltam trinta dias de céu azul para a capital britannica! E assim por diante! Até se poderia abrir assignaturas para fornecimento de azul celeste aos trimestres... a quem quizesse tambem um bocado de sol, podia-se fazer abatimento, como está agora em moda. E ainda por cima, um bonus universal!...

Ha annos viajando nós pelo littoral francez, unico céu que pôde hobrear com o nosso, descreviamos as bellezas da *Côte d'azur* n'uma carta a Pinheiro Chagas que, ao outro dia, referindo-se á nossa descripção, exclamava com graça no seu jornal: — Querem ver que o Ministerio já vendeu tambem o nosso céu?

Não vendera, porque não pudéra. Que compradores appareciam logo em barda! Quanto daria agora Lord mayor por um bocado de céu como o de Lisboa? As festas em honra dos nossos reis por certo serão muito mais grandiosas do que as que em abril de 1903 a nossa capital offertou a Eduardo VII mas dias como os nossos é que com certeza não se arranjam lá!

Ora ahí está uma viagem official em que o chefe de Estado leva consigo o coração de todos os seus subditos porque Portugal para com a Inglaterra está hoje n'aquella situação entusiastica em que se encontram dous antigos amantes, depois de um serio arrufo. Redoltra então a estima, augmentam e estreitam-se os braços que unem um ao outro, e o que se recorda n'essa doce lua de mel, em segundas nupcias, não é a zanga que motiva o afastamento, mas o tempo feliz dos primeiros annos. Assim está succedendo, e bom é que succeda, porque se a Inglaterra sentiu ainda não ha muito a força do nosso valimento na Africa, se nós recordamos como gratidão o auxilio da Inglaterra em todos os momentos criticos da nossa historia, uma e outro podem ser ainda de grande e mutua utilidade. Os paizes pequenos tem o seu merecimento, e por isso mesmo que são pequenos mais p'ra agradecer são os seus servicos...

Com os reis de Portugal foi um representante do governo, e a sua presença na côrte de Saint James não é apenas uma formalidade da diplomacia europêa. Para essa visita foi preparada pelo anterior gabinete, e sobretudo pelo estadista que então sobraçava a pasta dos estrangeiros, — espirito dos mais reflectidos e ponderados que tem passado por aquella secretaria, homem de grande saber e de um finissimo tracto social — um tratado de arbitragem que será assignado no Foreign office, em Londres. Este facte é altamente significativo e de

um languissimo alcance sobretudo para o nosso domisio ultramarino. Previram-o os que mais de perto o preparavam, e aos quaes não se pode regelear os mais rasgados elogios.

Per um d'estes accessos da politica, variaveis e caprichosos como todos os acasos, o ministro que vai firmar em tratado é já outro, mas por igual sympathico, correcto e talentoso. Não é primeira vez que me succede e não será a ultima. Especialmente tratado se de visitas de chefes de Estado a nações estrangeiras, tem-se repetido o caso muito a miudo nos ultimos tempos. Victor Manuel ajada ha pouco foi a Paris. Pois dias antes da sua partida, houve uma remodelação ministerial e quem acompanha o soberano de Italia ao Elyseu é o novo ministro.

Na Hespanha Maura substitue Valverde, pouco antes de Affonso XIII partir para Lisboa e o ministro que acompanha o rei não é já o que planeava a viagem. O mesmo se deu agora com a visita a Londres.

D'estes tres casos que apresentamos, pode chegar-se á conclusão de que essas visitas officiaes são de um presagio enguicador para os ministerios que as preparam, as combinam e as resolvem.

Para o futuro, as opposições excusam de discursos indignados ou de votações, para descobrirem os governos. A melhor maneira de os deitar a baixo, arranjar-lhes uma viagemzinha ao estrangeiro...

Não duram duas semanas, verão...



Conselheiro Wenceslau de Lima

Ministro dos Negocios Estrangeiros do gabinete Hintze Ribeiro que preparou o tratado de arbitragem com a Inglaterra que vai ser assignado agora em Londres, pelos representantes

# Madruça <sup>(1)</sup>

Viva la palma, viva la flor,  
viva, viva Pedro Madruça  
Pedro Madruça de Sotomayor!

(Popular.)

Extincta a descendência directa e legitima da casa Henrique IV de Castella, e Affonso V de Portugal, não hesitaram um momento em reconhecer como legitimo successor do nome, bens e soberania de Sotomayor, o bastardo D. Pedro, e ainda o Rei de Portugal lhe fez mercê do Condado de Caminha.

Casou com D. Thereza de Tavora, filha do Senhor de Mogadôr, que era de nobre familia lusitana. Protegido pelos reis de Portugal e de Castella, casado com mulher rica, investido por D. Henrique IV com a sua representação e plenos poderes para conter as arrogancias do arcebispo de Santiago, como consta da instrucção autographa dada por S. M. a Fernandez Sandina, pôde D. Pedro Madruça ser uma das primeiras personagens da sua época e desempenhar altos e elevados cargos.

D. Pedro e o marechal Pedro Pardo de Cela são os genuinos representantes d'aquella nobreza altiva e revoltada, verdadeiros lobos feudaes, aves de rapina, vivendo umas vezes poderosos, outras occultos e fugitivos, indomaveis e orgulhosos, não conhecendo lei nem rei, sem freio algum que detivesse o impulso das suas paixões e as suas desenfreadas correrias. Sempre rebeldes, combatendo entre si, quando não resistiam de mão armada a alguma medida tomada pela Corôa que lhes não agradasse, Pedro Madruça e Pedro Pardo de Cela, justificam, só por si, a maneira energica como os Reis Catholicos procederam contra a nobreza feudal.

Quando um poder se sente atacado na sua base e começa a enfraquecer é á crueldade e ao abuso que vai buscar a força para se conservar, afirmando d'este modo e cada vez mais a sua ruina. Era o que acontecia em fins do seculo xv aos senhores feudaes. O povo cansado de soffrer, fatigado pelos vexames e crueldades a que era submettido por este regimen, principiava a levantar a cabeça; o mesmo espirito rebelde, a mesma força desconhecida até então, que transformava os villões da Fuente Ovejuna em senhores da fortaleza do Commendador, arremessando-o dos muros do seu castello, animou o povo gallego em 1468 a insurgir-se contra a tyrannia, e pondo á sua frente Alonso de Lanzas, o mandaram ao rei D. Henrique IV para obter a auctorisação de formarem uma irmandade *«anoi de labradores como de fijos-daigo, contra todos los caballeros e Señores de Galicia.»*

Constituida a irmandade investiram contra os castellos e praças fortes, sendo poucos os que ficaram de pé, pois não se contentavam em se assenhoriar d'elles, e desmantellavam-n'os, para d'esta forma destruirem o proprio symbolo de tyrannia.

Neste momento, porém, como em muitos outros, foi o povo victima de quem o dirigia, e a irmandade depois de humilhar a soberania dos cavalleiros e prelados passou a servir as causas pesoadas dos seus capitães.

Transformada a irmandade em quadrilha de salteadores, os senhores, reunidos em volta do arcebispo de Santiago, chamaram em seu auxilio a Pedro Alvarez de Sotomayor, que, durante estas desavenças, tinha passado a Portugal, contrahindo ali casamento, e que auxiliado pelos seus subditos portuguezes e pelo favor do soberano tinha readquirido parte das suas fortalezas. D. Pedro era, segundo um chronista, *hombre muy mañoso e muy sutil e muy sabio em cosas de guerra.* Aceitou a missão que lhe era offerecida e reunindo as suas hostes em Portugal derrotou os villões no primeiro recontro. Estes intentam cortar-lhe o passo junto a Pontevedra para que se não reunisse com as hostes do arcebispo; mas D. Pedro passou o Lerez a vau aproveitando a maré baixa, *y porque iba muy feros nadia se ponía delante.*

Reunido a D. João Pimentel, irmão do Conde de Benavente, venceu a irmandade em varios recontros, obrigando-a a reconstruir as fortalezas que ella tinha destruido, auxiliando elle e os seus vasallos a reconstrucção. Porém, como estava escripto que os gallegos não podiam conservar-se em paz, uma vez os senhores nos seus castellos, e nocegado o arcebispo titular de Santiago, principiou a hostilizar-os e a dividil-os, e os que se tinham unido ante um perigo commum não tardaram em fazer reviver as continuas discordias, sem as quaes não podiam viver.

Quando, porém, a irritação contra D. Alonso da Fonseca chegou ao seu ponto culminante, foi na occasião em que este prelado poz cerco á fortaleza de Altamina de que era senhor Lope Sancho de Moscoso. Levantaram-se então os seus subditos e amigos, mas não ousavam atacar o arcebispo enquanto não tivessem Pedro de Sotomayor junto a si; não tinham já esperanza alguma na sua

vinda, quando elle chegou acompanhado de grande reforço e dizendo: *«Parentes e amigos a tales bodas como aquestes no era razon que se hicieran sin min, rayamos a ellos y sea presto.»*

As tropas do Prelado soffreram uma derrota vergonhosa, não só n'este recontro como em varios outros, pois o seu caracter bellicoso fazia-o supportar mal estes reveses, e procurava uma desforra, que nunca pôde ter enquanto as hostes inimigas foram capitaneadas por D. Pedro e viram fluctuar a bandeira que ostentavam e o escudo de Sotomayor.

Foi n'esta época, pouco mais ou menos, que o Rei de Portugal agraciou D. Pedro, que já era Visconde de Tuy, com o Condado de Caminha, fazendo-lhe mercê do Douro, a qual desde então sempre usou.

Razões tinha D. Affonso V para desejar conquistar as boas graças da nobreza gallega, pois por morte de D. Henrique de Castella, quasi toda ella se declarou a seu favor como promettido esposo de D. Joanna, chamada a *Betraneja.*

A' frente d'este movimento estava D. Pedro, a quem começa-



Marqueza de Ayerbe

Auctora do livro *«O castello do Marquez de Mos em Sotomayor»*

vam a chamar *Madruça* porque amanhecia n'um ponto tendo pernotado em outro e porque *madrugaba mucho cuando facia sus cabalgadas.*

Aos favores que elle devia ao monarcha portuguez ha a accrescentar a particular amizade com que sempre D. Affonso V o honrou e de que o fidalgo gallego era digno sob todos os pontos de vista, mostrando-se muito leal para com este principe, dando-lhe excellentes conselhos e chamando repetidas vezes a sua attenção para a doblez e perfidia de muit. que lhe prestavam auxilio ou pareciam favorecer a sua causa.

Mais de uma vez e ao ver a traição de alguns que elle julgava mais fieis, se lembrou o Rei dos prudentes conselhos de Sotomayor; mas os principes são assim, só se lembram dos conselhos quando d'elles não ha necessidade.

Aproveitando os novos disturbios que causava a guerra com Portugal, D. Pedro apoderou-se da cidade de Tuy, guarnecendo-a e reunindo em volta de si tudo quanto a Galliza possuía de notavel. D. Affonso emprestou-lhe dois mil peões e sessenta lanças e quando o armamento de que dispunha era insufficiente chamaram em seu auxilio um dos mil ardis do costume para sahir de apuros, não existindo para elle difficuldade que não lograsse vencer. Para ter uma idéa da maneira como procedia para alcançar o necessario, bastam as palavras de uma chronica encontradas no archivo da casa: *«la causa por donde se levantó fué que ha venido portar á la ria de Bigo cieira de su casa una nave de unos germanos que trahian ciento y ochenta mosquetes ó arcabuces y el pedió se los vendiesen y ellos no quisieron y usó de un disjraz para hurtarselos que es el siguiente: Mandó en la plaza de Bigo hacer unas fiestas en que con danças de espadas desnudas y curriendo Patos salieron los germanos a ver la dicha fiesta y despues que fueron en tierra todos con barcos que tenia desilada mandó un capitán suyo que llamaban Pedro Veloso natural de Bayona e cogió las dichas armas y co ellas hizo grandes locuras.»*

(1) Este delicioso capitulo arrancado a um livro aristocratico cuja appareção fez a seu tempo em Madrid um successo litterario e um successo mundano, *O castello do Marquez de Mos em Sotomayor*, firma-o o nome de uma das mais formosas senhoras titulares da Hespanha, que em tempo residiu em Lisboa onde deixou um traço luminoso da sua belleza e do seu espirito. A sr.<sup>a</sup> Marqueza é como se sabe esposa do illustre diplomata do mesmo titulo que representou ha annos o seu paiz na corte de Lisboa.

O que o auctor d'esta chronica chama benevolmente loucuras foi cousa insignificante! Em menos de dois annos apoderou-se da praça forte de Bayona, que pertencia á corôa de Castella, com o monte de Buey (hoje Monte Real). Tomou ao arcebispo Pontevedra, Padron, Redondella, Vigo e Caldas além de numerosos palacios e castellos que seria ocioso nomear.

Tomou a fortaleza de Sobroso a Garcia Sarmento, inimigo declarado da sua casa, e guarnecendo todas as villas que estavam em seu poder, suppõem alguns que se fez chamar Rei da Galliza, o que me não parece estar muito em harmonia com a maneira de ver de *Madruga*, que demonstrou n'aquelles feitos, que a nós nos parecem desatinados, mas que estavam perfeitamente de accordo com a situação de anarchia em que se encontrava o reino da Galliza.

Este estado de cousas decidiu os Reis Catholicos a mandarem á Corunha, praça de que tinha feito mercê ao Conde de Benavente, uma frota ás ordens de D. Ladrón de Guevara. Muitos cavalleiros seus por manha, outros por promessas e outros por acharem a situação insustentavel, reconheceram Fernando e Isabel, abandonando D. Pedro de Sotomayor apenas rodeado por um pequeno numero de partidarios.

Entre os que se declararam a favor da Corôa se encontravam muitos a quem D. Pedro auxiliara na reconquista das suas fortalezas, ajudando-os em todas as suas contendas; mas já *Madruga* lhes não era necessario e o astro dos Reis Catholicos, a paz e a prosperidade que prometeu a evolução que se operava lentamente nos espiritos que previam os novos horizontes da civilização moderna, foi roubando a D. Pedro a adhesão de amigos e subditos; mas nenhum abandono lhe foi mais sensível e doloroso que o do Conde de Altamira, Lope Sanchez de Moscoso, seu irmão de armas a quem mais de uma vez livrara da morte e a quem sempre auxiliara em todas as contendas.

Muito deve ter soffrido D. Pedro, mas o seu espirito varonil e aventureiro triumphou de todas as fraquezas humanas. Dois annos conservou todas as suas praças fortes, tendo-as bem guarnecidas e sufficientemente abastecidas de viveres. Por seu lado, encerrado em Pontevedra, resistiu aos assédios, fazendo frequentes sortidas para abastecer a praça e levando adiante de si o terror e a desolação.

Estas incursões causavam no campo inimigo sensíveis baixas, tendo os sitiadores por duas vezes que levantar o cerco, tirando pouca honra de todo isto, como diziam os seus contemporaneos. Resolveram, pois, desfazer-se, por traição, de um inimigo tão temeroso, mas os ardis que empregavam eram a infancia da arte, comparados com os que D. Pedro conhecia: de modo que não conseguiram assassinar-o nem ao menos apoderar-se da sua pessoa.

Os cavalleiros dedicados aos Reis Catholicos, apesar de já não seguirem a bandeira de D. Pedro, não eram tão malleaveis como o suppunham o Conde de Benavente e D. Ladrón de Guevara; assim é que nos periodos da tregua estavam em intelligencia com *Madruga*; foi isto o que o perdeu, pois indo a visitar Lope Sanchez de Moscoso, foi preso pelo Conde de Benavente, que lhe não admittiu nem o refens nem o dinheiro que offerencia para o seu resgate.

Pouco faltou para que o Conde de Altamira e o de Andrade não pagassem com a sua liberdade os esforços que empregaram para reparar tal acontecimento; pois apesar de militarem em partidos distinctos, não podiam facilmente esquecer os auxilios que mutuamente se tinham prestado e a amizade que os unira no alvôr da vida.

Não obstante os receios de Benavente, que, prevendo uma traição que libertasse *Madruga*, se combinou com os seus mortaes inimigos para o transportar a Orense, ninguém, a não ser Altamira, intentou facilitar a sua fuga, pois nem os proprios subditos de D. Pedro o quizeram auxiliar.

*En verdad, diz Vasco da Apona, en verdad lo juro, que si el Conde de Caminha estuviere suelto y viera ir preso á cualquiera de los señores que habia en Galicia por la tierra que lo llevarán a él preso, que lo librára y tomara aunque el conde de Venante lo levára con dos tantos de gente.*

O Conde de Caminha ficava, apesar de tudo, com um amigo muito leal e muito poderoso. Era o Rei de Portugal, que, tendo em seu poder dois cavalleiros muito importantes de Castella, offerencia a liberdade d'estes em troca da de D. Pedro.

Depois de um anno de captiveiro, sahio da prisão, achando o arcebispo senhor de Vigo e Pontevedra, D. Ladrón de Guevara, apoderado de Bayona, que tinha tomado por mar, e não podendo chamar suas senô ás fortalezas de Salvaterra, Sotomayor e Fornellos. N'uma montanha fronteira a Sotomayor tinha edificado D. Alonso da Fonseca um forte que dominava o Castello, e duas torres guardavam a entrada da ponte de Sampayo.

As represalias exercidas por D. Pedro foram terriveis; o incendio e a devastação marcaram os seus passos, e ai d'aquelle que cahisse nas suas mãos!

Ora vencedor, ora occulto, ora vivendo disfarçado entre os seus inimigos quando estes o julgavam longe, os atalhos de montanha e as asperezas d'aquelle solo accidentado serviram maravilhosamente os seus planos. Reconquistou varias praças, e prendendo Garcia Sarmento poz novamente cerco á fortaleza de Sabroso, que nunca se rendeu, originando esta singular resistencia de uma praça, cujo senhor soffreu estreito captiveiro, innumeras fabulas e lendas.

Ao ser interrogado por alguns sobre qual era o seu fim destruindo tanta fortaleza e deixando sem abrigo a mais de uma nobre familia, costumava responder com arrogancia *En Galicia, con mi casa de Sotomayor queda bastante.*

Neecessitando de subsidios, e havendo já bastante tempo que nada cobrava pela cidade de Tuy, resolveu *Madruga* apoderar-se do seu prelado D. Diego de Muros, e aproveitando a occasião de este ter ido para Bayona por motivos de saude, fel-o prender pelo seu capitão Pedro ou Payo Veloso, o mesmo que tão util lhe fora na captura do carregamento de mosquetes e arcabuzes dos allemaes.

A indignação do Cabido de Tuy traduz-se por um documento no qual esse Cabido concorda *que nunca ningún descendiente de Payo Veloso capitán del Conde de Caminha pudiese tener bienes en la dicha iglesia, e sobre esto hicieron todos juramento pusiendo las manos sobre el pecho.*

Entretanto D. Pedro não soltava o arcebispo, levando-o na sua rectaguarda e tratando-o muito mal de *palabra y de obra*. Esta vida de fadigas e sobresaltos curou o bom D. Diego da doença que sem duvida tinha adquirido na vida sedentaria.

Os poucos amigos de *Madruga* não cessavam de o aconselhar a que se desfizesse do Prelado, mettendo-o n'uma mamorra ou resatabelecendo-o na sua Séde, com toda a especie de honrarias, pois tratava-se de um personagem de grande influencia, cuja vingança podia custar-lhe cara.

*Madruga* nada quiz ouvir, e não quiz pôr D. Diego de Muros em liberdade, enquanto este se não resolveu a ceder *pechando algo*. Setecentos mil maravedis foi o que custou o resgate do Bispo, que deu origem ao dito que se attribue ao Comendador Saldanha referindo-se á cura do Prelado, *lo mismo debe haber pagado por elle á Don Pedro de Sotomayor que á un físico cualquiera.*

Tendo os Reis Catholicos dado ordem para que se perseguissem os malfeitores que assolavam o reino da Galliza, fez D. Pedro correr a voz que defenderia todos os que a elle se acerçassem ou quizessem tomar o seu serviço. Mas como parece não ser elle o unico que os protegia, aberta ou encobertamente, mandaram os Reis D. Fernando de Acuña, nomeando o Vice-Rei e ordenando-lhe que pacificasse o reino, e usasse do maior rigor para acabar por uma vez com as desordens d'aquelle canto de Hespanha.

A primeira pessoa com quem o Vice-Rei se teve que haver foi com D. Alonso da Fonseca, que, acostumado a fazer justiça por suas mãos, quiz impedir que elle entrasse em Santiago. D. Pedro ao ver o caminho que as cousas tomavam, sobretudo desde a prisão do Bispo de Tuy, tinha mandado sua mulher Doña Teresa á côrte, para que tratasse de justificar junto aos Reis e explicasse as extravagancias da sua conducta.

Morto o Conde de Lemos, que sempre o tinha protegido, não tendo por suas mãos mais fortalezas que as de Salvaterra, Sotomayor e Fornellos, sitiado n'esta ultima por varios senhores, entre os quaes se encontravam Lope de Avalla e seu irmão, Garcia Sarmiento e Lope de Montenegro, todos seus inimigos encarnicados, vendo o exemplo da sorte que tivera o marechal Pedro Pardo de Cela, resolveu D. Pedro transportar-se em pessoa a Salamanca, pois os trabalhos de Doña Teresa de Tavora não tinham dado os resultados desejados.

Esta senhora considerando perdida a causa de seu marido, pediu aos Reis que deixassem seu filho D. Alvaro disfructar os bens da casa; o que sem duvida lhe foi concedido, porque D. Alvaro, ainda moço, não tinha tomado parte nas conspirações e revoltas que transtornavam a nobreza gallega, salvando de este modo os estados de Sotomayor de uma confiscação que parecia inevitavel. Requereu D. Alvaro a seu pae para que lhe desse posse das fortalezas, e D. Pedro recebeu a gente da curia ameaçando-a *con romperles un pelo en la cabeza.*

Então D. Alvaro seguindo as instrucções secretas que lhe dera sua mãe, que ao vér o marido perdido queria ao menos salvar a legitima de seus filhos, usou de um ardil para entrar disfarçado na fortaleza de Sotomayor, praça que julgava inexpugnavel, e uma vez n'ella deu-se a conhecer aos seus criados, revelando-lhes o grande favor recebido dos Reis.

Obedeceram estes, uns de motu proprio e outros á força, e encolerizado *Madruga* foi pedir soccorro ao Conde de Altamira. Promettendo-lhe este tudo quanto elle queria, mas recebeu ordem da côrte para se conservar tranquillo e deixar que os acontecimentos seguissem o curso que tinham tomado.

Antes de passar para Salamanca, o Conde de Caminha fez um testamento (com data de 10 de janeiro de 1486) no qual desherda D. Alvaro e *le manda que se contente con cinco reales, por haber sido desobediente, haberse levantado contra él, haberle tomado la fortaleza y casa de Sotomayor, ser causa del desfallecimiento de sus estados, apocamiento de su vida y causa de su muerte.*

Os parentes que *Madruga* tinha na côrte viam mau remedio a estes acontecimentos, e apesar do Duque d'Alba ter falado aos Reis em seu favor nada pôde conseguir. Estas e outras causas fizeram com que abatido pela adversidade, abandonado por aquelles a quem tanto favorecera, supportando mal os desdens, e não podendo resolver-se a curvar a cabeça para supplicar, elle, que costumava impôr as suas vontades mantendo-as pela força das armas, ancioso achacado e enfermo, falleceu D. Pedro Alvares de Sotomayor no mosteiro em que se hospedara, longe da sua terra natal, d'aquellas montanhas da Galliza cujas asperezas se amoldavam melhor á nobre altivez do seu caracter. Muitos teem querido attribuir esta morte á justiça dos Reis Catholicos que, segundo alguns chronicistas, lhe mandaram dar garrote no proprio mosteiro que lhe servia de asylo; mas não é admissivel esta versão, pois não faltavam outros meios mais aviltantes para se desfazerem do Conde de Caminha, e é mais de suppôr que o caudillo audaz, a aguia selvagem, partidas as azas e cortadas as garras, não podesse sobreviver ao rigor da sua desgraça.

# POLITICA INTERNACIONAL

**D**URANTE a ultima quinzena as atenções ou melhor as preocupações da Europa desviaram-se do Extremo-Oriente para um incidente occorrido á nossa propria porta e que por um momento se temeu degenerasse n'um conflicto armado, que nos podia ter envolvido a todos nós — os neutros. Não iremos relatar aqui o caso de Hull, tão descripto e discutido tem sido elle ha quinze dias na imprensa de todos os paizes. Demais o incidente, a não surgirem novas e inesperadas complicações, póde dar-se como resolvido, tendo passado da alçada dos couraçados para a jurisdicção da diplomacia, a qual decerto ha-de encontrar a formula de tudo por agora harmonisar. Diz-se, embora oficialmente não esteja confirmado, que a solução pacifica do conflicto se deveu sobretudo aos bons officios da França, que a tempo se enterpoz entre os dois contendores. Se assim foi, o que nada nos repugna acreditar, é esta a primeira grande victoria do accordo anglo-françes, cuja benéfica acção se está fazendo por mais de um modo sentir na orientação da politica europeia.

Para se fazer idéa do que a paz do mundo deve aos illustres estadistas, que conseguiram approximar as duas grandes nações occidentaes, basta imaginar o que teria sido respectivamente a situação da Inglaterra e da Russia perante o conflicto actual, ha apenas pouco mais de anno e meio atrás. E' fóra de toda a duvida que uma temerosa conflagração se haveria ateado, envolvendo a Europa inteira, que com vontade ou sem ella seria arrastada para a lucta.

O accordo franco-inglez evitou esta tremenda desgraça. Além d'isso a opinião publica europeia e americana pronunciou-se com tal unanimidade a respeito do procedimento da esquadra do almirante Rojdestvensky, que a Russia se encontrou absolutamente isolada n'esta questão, abandonando-a até os proprios jornaes de Paris e de Berlim, que em termos severos, para não dizer crueis, censuraram o inexplicavel acto dos marinheiros russos. Assim, uma das mais consideradas folhas francezas não teve duvida em escrever que «a Russia tinha navios, mas faltavam-lhe officiaes,» e a semi official *Gazeta de Colonia* n'um artigo em que mettia á ridiculo o «nervosismo», dos officiaes de marinha russos e a obsessão japoneza de que estão possuídos, declara que o canhoneio dos barcos de pesca de Hull representa para a Russia «uma derrota moral peor do que as derrotas materiaes que tem soffrido no Extremo Oriente.»

Esta attitude da imprensa franceza e allemã merece ser resgistrada, e decerto não foi ella o menos importante factor para a resolução pacifica do conflicto.

No entretanto ainda uma difficuldade póde surgir, que venha novamente agravar a situação. A Russia apresentou as suas desculpas, em duplicado podemos mesmo dizel-o, porisso que não sómente o tsar exprimiu a sua magoa pelo acontecido, mas tambem o governo de S. Petersburgo enviou ao de Londres a expressão do seu sentimento. Quanto á indemnisação pecuniaria a pagar á familia das victimas e aos que tiveram perdas materiaes nos barcos e nas redes, tambem a Russia a prometteu e generosa.

Sobre estes dois pontos não póde haver duvida alguma que os desejos da Inglaterra não de ser satisfeitos. Resta, porém, o terceiro ponto — o castigo dos culpados no acontecido. Sobre este ponto é que a divergencia se póde dar. E' verdade, que a Russia concordou na nomeação de uma commissão internacional de inquerito para apurar as responsabilidades. E' logico por outra parte que, admittida a existencia d'esta commissão, estão implicitamente acceitas as consequencias d'ella, uma das quaes não póde deixar de ser o castigo dos culpados. Mas como poderá a Inglaterra exigir da Russia este castigo, se o almirante Rojdestvensky persistir na affirmacção do seu relatório, de que entre os barcos de pesca havia torpedeiros japonezes? Não ha duvida que semelhante affirmacção não poude até agora ser comprovada. Pelo contrario, o governo de Tokio apressou-se a desmentir oficialmente a presença de torpedeiros japonezes na Europa. Mas a contradicção nem porisso deixará de subsistir entre o veredictum provavel da commissão de inquerito e a asserção do almirante. Como resolver-a? E' este o ponto delicado da questão. A situação do chefe da esquadra russa parece-nos singularmente comprometida, pois não é provavel que a opinião d'elle possa prevalecer contra a sentença da commissão de inquerito internacional.

Suppondo, porém, a questão definitivamente resolvida, nem por isso o lamentavel incidente de Hull deixará de ser symptoma bem pouco tranquillizador dos perigos que ameaçam a paz do mundo, enquanto a maldadada guerra do Extremo Oriente não terminar.

E' evidente que o nervosismo no exercito e sobretudo na esquadra russa attingiu o seu maximo. Da extrema confiança com que se deixaram surprehender em Porto Arthur passaram os russos ao extremo opposto de desconfiarem de tudo. Seria salutar esta desconfiança se se traduzisse por avisadas precauções, que ninguém ousaria condemnar dados os precedentes. Do momento, porém, em que o alto commando russo não tem a serenidade bastante para dominar a excitação, que justificadamente o assoberba depois dos successos do Extremo Oriente, a situação dos neutros é assaz delicada, pois que a todo o instante se podem ver envolvidos em occorrencias como a de Hull.

E se uma vez se conseguiu apasiguar o conflicto, quem poderá prever o que surgirá de uma renovação d'elle? A esquadra do almirante Rojdestvensky vae principiar a sua grande Odysseia.

Quantas questões de facto e quantos problemas de direito não vae essa viagem levantar? Sem fallar nos encontros que póde ter no alto mar com navios neutros, encontros que deem logar a incidentes como o de Hull, quantas complicações não são provaveis a proposito da applicação do direito de visita, que os navios russos não-de querer exercer; a proposito do abastecimento de carvão nos diferentes portos de escala; a proposito da reparação de avarias; e a proposito da demora em aguas territoriaes neutras? E' de fazer estremecer todos os amigos da paz. E qualquer d'essas complicações póde dar logar a um conflicto, que degenerem em conflagração.

E no fim de contas, pergunta se, para que vae a esquadra do Báltico ao Oriente? Comprehendia-se que ella tivesse partido alguns mezes atrás. Não só se comprehendia, mas esperava se. Hoje, porém, affigura-se-nos que vae demasiado tarde.

Admittindo mesmo que os navios do almirante Rojdestvensky conseguem abastecer-se de carvão até ao mar da China, ou por meio dos vapores carvoeiros no alto mar ou por concessão dos respectivos governos nos portos neutros (o que pelo menos a respeito da Inglaterra é mais do que duvidoso), chegados ahí começarão para elles as serias difficuldades. Porto Arthur terá provavelmente a essas horas cahido, ou se ainda resistir estará de tal modo desmantelado que nenhum auxilio poderá prestar. Vladivostok estará bloqueado pelos gelos e portanto inacessivel. Onde irá a esquadra pois buscar carvão para se manter? Ao porto allemão de Kiau-Tchau? Não é crível que assim aconteça.

Este porto está de tal modo visinho do theatro das operações, que o fornecer n'elle carvão aos navios russos importaria quebra manifesta da neutralidade por parte da Alemanha, equivalendo tal acto quasi que ao estabelecimento do estado de guerra entre o imperio germanico e o Japão.

E o que se diz de Kiau-Tchau diz-se pela mesma razão dos portos chineses. Não é facil por isso saber onde a esquadra russa ha de ir buscar carvão para se conservar no mar da China. Mas não é só de carvão que os navios russos não de necessitar no Extremo Oriente. Mesmo antes de entrarem em combate precisam de reparar as avarias da viagem, inevitaveis dada a composição heterogenea das diferentes unidades, a escassa resistencia de algumas d'ellas, e a estação do anno em que a viagem se realisa. E quando a collisão com a esquadra japoneza tiver logar? Ainda que a victoria se declare pelo lado dos russos, é evidente que ella tem de ser comprada á custa de pesados sacrificios. Alguns dos navios russos teem de ser sacrificados, grande numero não de receber importantes avarias. Onde vão reparal-as? E note-se que estamos admittindo a hypothese mais favoravel para os russos — a de uma victoria. Mas se o almirante Rojdestvensky é vencido, em que situação fica a sua esquadra? Sem uma base de operações, sem um porto de refugio, sem um arsenal para se refazer dos prejuizos do combate, a sua situação será pouco menos que desesperada. E as hypotheses que aqui ficam formuladas, não são gratuitas. Uma ou outra ha de dar-se fatalmente. Pensarão os russos operar uma diversão atacando por sua vez os portos japonezes e obrigando a esquadra que sitia Porto Arthur a levantar o bloqueio? Para esta manobra estrategica surtir bom effeito seria necessario em primeiro logar que Porto Arthur até lá não tivesse caído, o que é pelo menos duvidoso, e em segundo logar que a esquadra russa contasse ao menos com o accesso livre a Vladivostok, o que não póde acontecer, por n'essa occasião se achar este porto bloqueado pelos gelos.

Além d'isso devem os russos comprehender que os japonezes não de empregar os ultimos esforços para lhes destruir a esquadra, antes que ella possa entrar seriamente em combate. E' para o Japão uma questão de vida ou de morte o dominio do mar. Emquanto o tiverem não conseguirá a Russia vencel-os. Se pelo contrario o perdem a sorte da guerra fica immediatamente decidida contra elles. O que não farão elles portanto para o conservar? Devemos a este respeito estar preparados para toda a especie de surpresas.

Por todas estas razões a viagem da esquadra russa ao Extremo Oriente constitue o mais empolgante episodio da actual guerra. Os problemas, tanto nauticos como militares, que ella vae resolver ou que demonstrará negativamente serem para ella insoluveis, não de servir de proveitoso ensinamento a todas as nações. Oxalá que no dominio do direito internacional a travessia dos navios, que principiam a sua derrota pelo maldadada incidente de Hull, não se assignale por novos attentados contra o direito dos neutros. Nem sempre os bons officios de uma terceira potencia poderão evitar o rompimento...



O actor comico Polin

## Cartaz da quinzena

**D. Maria.** — *Pedra de Toque*, de Augier e Sande in, excellente versão de Mello Barreto. Depois do *Caminho*, de Richepin, em que brilham Ferreira da Silva, e Beatriz Rente, A *Pedra de Toque* que teve um successo brilhante, e em que se distinguem Ferreira da Silva, Joaquim Costa, Luiz Pinto, Beatriz, Cecília Machado e a debutante Jesuina Motill.

**D. Amelia.** — *Gilberta*, 3 actos originaes de Hennequin e Bihand, traducção esmerada do dr. Cunha e Costa. Espirito a traboçar. Exito completo. Superior desempenho de Augusto Rosa, Lucilla Simões e Henrique Alves. Brevemente se apresentarão n'este theatro as annunciadas celebridades estrangeiras, de que damos hoje algumas gravuras.

**Trindade.** — O *Relógio Magico* não cansa e o publico não se farta. Comtudo resolveu gozar uns dias de ferias a partir do dia 18, em que sobe a scena o *Boccaccio* e reaparece o *Maitto*. Isto é, duas sensações na mesma noite.

**Gymnasto.** — Depois da recita do auctor, com que *Os amores de um conselheiro* tocaram a meta, continua o velho theatro, remocido por Valle, no regimen das *répries*. O sr. Governador o *Commissario de policia*, Sua Ex.<sup>a</sup> e o *Bode expiatorio* tem a palavra.

**Avenida.** — *Fausto*, O *Petiç*, de Hervieu: a velha peça da Trindade é a nova peça da Avenida. A graça que tem sublinha a o publico com gargalhadas, o valor da ope-

retta é consagrado pelo exito. Palmyra Bastos teve as honras do desempenho e Etelvina Serra, a talentosa estreante, conquistou o publico *au premier abord* pelo encanto do talento, da voz e da vocação revelada.

**Principe Real.** — *Os paes*, drama em 5 actos, de Dumas pae, correcta versão de João Soller. Com todos os mastadores dramaticos das peças de genero, lá está no theatro da rua da Palma, encantando o seu publico, intercallando-se de vez em quando com a revista, que enche ainda o theatro quando se annuncia. Maria das Dores, Luciano e Gomes triumpham no desempenho.

**Colyseu dos Recreios.** — Depois do O'Kill, o Hercules, a seguir a *troupe* dos arabes! E' um nunca acabar. E' o motu continuo nas *nozelles à sensation*. Com taes attractivos, a logica deixaria de existir se todas as noites se não enchesse a mais vasta sala de espectaculos que ha em Lisboa.

## GRAND-PRIX

Dois annunciantes do «Brasil-Portugal» acabam de ser contemplados com o «Grand-Prix» na exposição de S. Luiz — os ars. Lopes, Coelho Dias & C.<sup>a</sup> pelas suas conservas de Mattosinhos, e Meneres & C.<sup>a</sup> pelos seus vinhos do Porto. E' uma distincção que honra a industria portugueza que assim logrou impôr-se no grande mercado americano, conserveiro por excellencia, onde as fabricas nacionaes e francezas luctam em concorrência.